

Bird teme mudança no cálculo do déficit

Tatiana Bautzer
De Washington

O Banco Mundial (Bird) alertou ontem aos governos que pretendem mudar a contabilidade do déficit público para excluir investimentos em infra-estrutura que uma mudança nestes critérios pode resultar em reação negativa dos mercados financeiros. "Acho que a questão não é apenas convencer as instituições multilaterais de mudanças no critério das contas públicas, a questão é convencer também os mercados financeiros", disse o economista-chefe do banco, François Bourguignon, lembrando que, se o mercado desconfiar de mudanças nos critérios das contas públicas, será pior para os próprios países emergentes, que enfrentariam juros mais altas nas captações de recursos no exterior.

O economista acredita que o assunto deve ser debatido de forma pública e não apenas entre os países emergentes e as instituições multilaterais. Bourguignon, entretanto, concorda que a infra-estrutura em países emergentes não está recebendo o financiamento necessário hoje de fontes privadas. Segundo dados do relatório, o financiamento privado à infra-estrutura em países emergentes caiu 50% nos últimos seis anos. Os empréstimos sindicalizados para esse tipo de investimento, por exemplo, caíram de US\$ 50 bi-

Economia global desacelera em 2005

Taxas de crescimento previstas pelo Banco Mundial

Região	2002	2003*	2004**	2005**	2006**
Mundo	1,8	2,6	3,7	3,1	3,0
Países da OCDE (alta renda)	1,4	2,1	3,3	2,6	2,5
Países em desenvolvimento	3,4	4,8	5,4	5,2	5,0
Ásia Oriental e Pacífico	6,7	7,7	7,4	6,7	6,3
Europa e Ásia Central	4,6	5,5	4,9	4,8	4,7
América Latina	-0,6	1,3	3,8	3,7	3,5
Oriente Médio e norte da África	3,3	5,1	3,7	3,9	4,0
Sul da Ásia	4,3	6,5	7,2	6,7	6,5
África Sub-Saariana	3,3	2,4	3,4	4,2	3,9

Fonte: Banco Mundial * estimado ** previsão Obs: o Banco Mundial não usa o critério de "Purchase Power Parity", utilizado Países em desenvolvimento pelo FMI. Considerando o critério usado pelo FMI, os índices de crescimento global previstos pelo Banco Mundial para 2003, 2004 e 2005 seriam maiores, Ásia Oriental e Pacífico respectivamente de 3,7%, 4,6% e 4,1%.

lhões para US\$ 30 bilhões, o prazo diminuiu (de 8,5 anos para 7 anos) e o custo médio subiu. Enquanto a China e países da Europa do leste receberam grandes volumes de financiamento, quase não houve recursos para a América Latina.

O Bird recomenda no relatório "Financiamento ao Desenvolvimento Global" que os países concentrem seus esforços na atração de investimento externo usando parcerias entre o setor privado e o setor público (especialmente na concessão de garantias pelo Estado) e aumentando a proteção legal aos direitos dos investidores no setor. O Bird sugere que os países privilegiem a captação de recursos no mercado local, por meio

de bônus junto aos investidores. Só o setor de energia de mercados emergentes demandará US\$ 120 bilhões anuais até 2010, e o de saneamento, US\$ 49 bilhões anuais.

O relatório reserva um quadro específico para análise da queda de investimento direto no Brasil, de US\$ 33 bilhões no ano de 2000 para apenas US\$ 10 bilhões no ano passado. Entre as razões para a redução (ainda maior se descontadas as conversões de dívida do total de investimentos),

o Bird aponta o fim dos maiores processos de privatização e baixos índices de crescimento econômico. "A taxa de crescimento do PIB brasileiro caiu para 1,2% entre 2001 e 2003, abaixo da média anual de mais de 4% entre 93 e 97". Além disso, investidores locais passaram à ponta compradora nas fusões e aquisições. Um dos negócios citados no relatório é a compra da subsidiária do banco espanhol BBV pelo Bradesco.

De maneira geral, os fluxos de re-

ursos para países emergentes cresceram no ano passado, para US\$ 200 bilhões, o maior nível desde a crise da Rússia, em 1998, e acima dos US\$ 155 bilhões no ano anterior. O problema, segundo o Bird, é que o dinheiro está sendo direcionado de forma concentrada para os maiores países (China, Índia, Rússia, México e Brasil) e deixando de fora economias menores, que também estão sendo prejudicadas pela redução nos fluxos de recursos de programas de ajuda ao desenvolvimento.

Mesmo entre os maiores países emergentes a distribuição dos recursos é desigual. O crescimento de crédito bancário, por exemplo, concentrou-se no ano passado na Ásia e Europa do Leste, deixando de lado a América Latina, que se financiou principalmente com emissões de bônus. O total de investimento estrangeiro direto também caiu de US\$ 147 bilhões em 2002 para US\$ 135 bilhões no ano passado. Em 2003 os países ricos continuaram bem abaixo da meta de conceder 0,7% do PIB em recursos para o financiamento do desenvolvimento. O crescimento de fluxos para países emergentes está sendo estimulado pelas baixas taxas de juros em países

desenvolvidos e os volumes devem voltar a recuar a partir deste ano, com a crescente expectativa em torno do início da alta dos juros.

Esse será o maior risco enfrentado pelos países em desenvolvimento em 2005. O Bird recomenda que os governos da América Latina "evitem a tentação de tomar emprestado demais num momento de queda do dólar e baixa dos spreads de risco. O principal risco para a perspectiva de médio prazo da América Latina é um aumento repentino das taxas de juros internacionais".

O Bird alerta ainda para o risco de uma queda abrupta do dólar em relação a outras moedas fortes como consequência de dificuldades no financiamento ao déficit de conta corrente dos EUA. O economista Hans Timmer, que definiu as previsões macroeconômicas, diz que os governos da América Latina deveriam evitar concentração excessiva em dívida de curto prazo, mais suscetível às mudanças dos juros. O Bird está otimista em relação ao crescimento econômico no Brasil este ano e elevou a expectativa de expansão do PIB da América Latina para 3,8%, ainda abaixo da média dos países em desenvolvimento, de 5,4%.